

REPRESENTAÇÕES CORDELÍSTICAS DO CORNO NO CORDEL

Francisco Leandro de Assis Neto
Prefeitura Municipal de João Pessoa. leandroassis.uepb@gmail.com

Gracielle Malheiro dos Santos
Universidade Federal de Campina Grande. granut@gmail.com

Resumo: A Literatura de cordel foi por muito tempo considerada uma expressão popular folclórica, endêmica e reprodutora da secularidade de uma região marcada pelo patriarcalismo e meios de cultura arcaicos. Todavia, desde as últimas décadas do século passado diversos estudos lançam luzes diferentes acerca desta manifestação artística, colocando-a como uma Literatura de fina escrita e representante da diversidade cultural existente no Brasil, notadamente na região Nordeste. Pensando nisto, objetivamos com este artigo verificar como se dá a representação do corno no cordel, observando se o discurso cordelístico corrobora ou não a visão estereotipada que se tem da masculinidade na região Nordeste. Para tanto, lançamos mão de dez cordéis que narram as aventuras ou desventuras de homens traídos. As análises foram feitas de forma qualitativa, apoiadas em autores que discutem as variadas formas de exercício da masculinidade e sua articulação social e cultural.

Palavras-chave: Cordel, Corno, Masculinidade, Representação

Introdução

Desde as últimas décadas do século passado, características de gênero e a cristalização dos seus respectivos papéis sociais sofreram grandes alterações. Dentre essas alterações, as representações de masculinidades apresentaram grandes mudanças em um espaço de tempo relativamente curto. Alguns fatores nos levam a perceber essa velocidade, muitas vezes, como efeito de conquistas outras, que se deram ao longo de todo um século de lutas, como a das feministas pela igualdade de direitos e dos movimentos que lutaram/lutam pelos direitos das minorias excluídas por questões de raça, credo ou existência sexual. Entretanto, mesmo assim, em alguns cenários, as posições de dominação masculina ainda permanecem inalteradas no mundo Ocidental.

Convencionou-se, principalmente por parte da mídia e o seu interesse econômico, associar ao homem do século XXI a imagem de modernidade e avanço cultural por meio da vaidade, nas mudanças no cotidiano doméstico, nas relações e divisões de trabalho com as mulheres. Talvez o Brasil não seja realmente tão machista quanto outros países da América Latina. Em 2005, a revista *Época*, trazia o resultado da pesquisa *O brasileiro em números*, e mostrava que a maioria dos brasileiros do sexo masculino rejeitava as afirmações de que “homem não chora” e “lugar de mulher é na cozinha”. Também mostrava que os mexicanos são os que mais concordam com tais

afirmações; que os brasileiros são aqueles dentre os latino-americanos que mais aceitam realizar tarefas domésticas, enquanto os argentinos são os que menos se dispõem a tal. Entretanto, essa pesquisa mostra um panorama generalizado, levando em consideração as representações de masculinidades que se tem no nordeste brasileiro, idealizadas pelo senso comum.

Levando em consideração que a Literatura de Cordel feita no Brasil desde o final do século XIX é uma manifestação popular que carrega traços genuinamente brasileiros e, sobretudo, nordestinos (LUCIANO, 2012), optamos por utilizar suas obras para tentar construir uma representação do homem traído sob o olhar cordelístico. A pesquisa foi feita na Biblioteca de Obras Raras Átila de Almeida na UEPB – Campus I, que conta com o maior acervo de cordel do Brasil, aproximadamente 15.300 exemplares. Utilizamos palavras chaves para selecionar os títulos no catálogo disponibilizado pela instituição, foram elas: “corno”, “traição”, “chifre”, “chifrudo”. Obtivemos com resultado 35 obras, após a leitura destas optamos por verificar e analisar dez cordéis, visto que, os demais apenas descreviam tipologias de cornos em forma de “ABC”S” ou glossários. As obras selecionadas, de fato, continham narrativas acerca das aventuras e desventuras dos cornos. Procuramos, portanto colocar em voga como os cordelistas representam o homem nordestino traído, não obstante, também a relação que este tem com as mulheres.

A traição, o corno e o dinheiro

O nordeste brasileiro, assim como o nordestino é fruto de construção discursiva e histórica, não que todas as representações regionais e de seus tipos não o sejam, mas no nordeste isso parece ter uma força mais acentuada devido às marcações nítidas que se tem da região e de seus habitantes. Como assinala Albuquerque Junior (2006):

Definir a região é pensá-la como um grupo de enunciados e imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes épocas, com diferentes estilos e não pensa-la uma homogeneidade, uma identidade presente sempre na natureza. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2006, p.24)

Sendo assim, não podemos pensar o nordestino apenas sob o prisma da brutalidade e da “macheza” cristalizados no senso comum. Procuramos nestas obras as representações diversas da masculinidade e/ou do atentado à esta representado pela traição. Ao nordestino é relacionada a

imagem de homem forte, confundido muitas vezes com a própria paisagem, árida e inóspita, representada em obras literárias e também na imprensa nacional. Contudo:

O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2003, p.30)

A estereotipação do homem nordestino nasce justamente do grupo “estranho” daqueles que não pertencem ou não se identificam com a região. Quando falamos em traição, inevitavelmente são acionados mecanismos que remetem à ordem patriarcal secularmente reproduzida e atribuída à sua população masculina: que a honra se lava com sangue. Entretanto, observamos que na literatura, erudita ou popular, o corno é representado por duas vertentes: a primeira reproduzindo o discurso da violência; a segunda, aceitando a traição e/ou perdendo a “traidora” – embora os motivos para este perdão, muitas vezes não seja propriamente o amor pela esposa.

Neste bloco de análise, abordaremos obras cujos sujeitos aceitam as traições infligidas pelas esposas, sendo o principal motivo para este perdão o dinheiro: *As aventuras de um corno conformado* (BORGES, s/d); *As aventuras de um corno conformado* (PONTAL, s/d); *O professor dos cornos* (LEITE, 2010);

Ela disse corno velho
O passeio foi bacana
Um conto e oitocentos
Foi a renda da semana
Inclusive as passagens
Que paguei pra Itabaiana. (BORGES, s/d, p.4)

Chamou a esposa e disse
Aí tem um companheiro
Dizendo que quer dormir
Se ele tiver dinheiro
Se ajeite que eu vou
Me deitar no terreiro. (PONTUAL, s/d, p.2)

Ela disse: - vou contar
Como isso aconteceu
Eu arranjei um amor
Que tudo isto me deu
Mas o que tenho aqui
Eu garanto que é seu. (GOMES, s/d, p.5)

Nas obras citadas acima, os cordelistas desconstruem a imagem do nordestino honrado e valente, que se rende ao “poder” do dinheiro negando sua suposta dignidade e brio masculino. Este é um recurso presente em todas as obras: a ironia e o humor para destronar a ordem

falocêntrica-patriarcal geralmente associada à literatura de cordel e à construção cultural da região.

Acerca disso Deleuze (2000) diz:

A primeira maneira de reverter a lei é irônica, a ironia aí aparecendo como arte dos princípios, da ascensão dos princípios e da reversão dos princípios. A segunda é o humor, que é uma arte das consequências e das descidas, das suspensões e das quedas. Significa isso que a repetição suje tanto na suspensão quanto nesta ascensão, como se a existência se retomasse e se “reiterasse” em si mesma desde que já não seja coagida pelas leis? A repetição pertence ao humor e à ironia, sendo por natureza transgressão, exceção, e manifestando sempre uma singularidade contra os particulares submetidos à lei, um universal contra as generalidades que estabelecem a lei. (DELEUZE, 2000, p.15)

Os poetas subvertem a lei por meio de uma suposta “falha” de caráter de suas personagens masculinas, uma vez que nestas obras a figura feminina – embora “traidora” – revela-se astuta e exerce certa autoridade sobre o cônjuge. Borges (s/d) e Pontual (s/d) elaboram suas obras evidenciando o masculino como um “opressor falido”. Embora explorem suas esposas fazendo com sua traição renda-lhes algo, elas, na verdade, são quem detém o poder, pois o sexo que fazem fora do casamento não é pelo dinheiro, mas sim por prazer – o dinheiro é uma consequência do sexo e não o motivo. Já na obra de Gomes (s/d), o corno sai para o Sudeste do país em busca de trabalho e uma vida melhor, sua esposa então arranja um “amor” mantenedor do lar. Ao regressar e saber da traição, a revolta desta personagem é aplacada pelos bens materiais que sua esposa amealhou no período que esteve fora. A subversão da ordem patriarcal promovida pelos poetas evidencia deslocamentos drásticos de posições de poder:

Nenhuma categoria social existe em isolamento privilegiado; cada uma existe numa relação social com outras categorias, ainda que de modo desiguais e contraditórios. Mas o poder raramente é distribuído por igual – diferentes situações sociais são sobredeterminadas pela raça, pelo gênero, pela classe ou por cada uma dessas categorias [...]. (McCLINTOCK, 2010, p.27)

As categorias de poder no Nordeste brasileiro são aparentemente bem demarcadas, os papéis referentes à masculinidade e à feminilidade sofreram poucas alterações nos últimos tempos no que diz respeito às relações de poder basilares da heteronormatividade compulsória. Vejamos o que Del Priori fala sobre o papel da mulher até as últimas décadas do século XX:

As mães, chefes da maioria das casas e das famílias mantenedoras dos seus fogões domésticos, foram eleitas como responsáveis pela interiorização dos valores tridentinos. O casamento indissolúvel, a instabilidade conjugal, a valorização da família legítima – espécie em fermento a cristandade apresentadas como recompensa e conforto frente a generalizada situação de abandono por parte dos homens-maridos-companheiros-pais. (DEL PRIORI, 1999, p.64)

Assim, os poetas colocam as mulheres em um “lugar” diferente daquele costumeiramente representado e, inclusive, defendido noutras obras. O abandono de que fala Del Priori (1999) é sentido em diferentes medidas pelas personagens femininas dos cordéis escolhidos para este trabalho, algo sempre lhes falta, dinheiro, autoestima, carinho, sexo, desejo do outro. Estes são os argumentos utilizados pelos poetas para justificar a traição feminina, desenhando não um fracasso de modelo feminino, mas o fracasso do modelo masculino, que em tudo falha.

“Todo castigo pra corno é pouco”: sem beleza, sem fogo, sem tesão

Como já apontado no livro *Cordel brasileiro e Teoria Queer* (ASSIS NETO, 2015), dentro da lógica da heteronormativa existente em alguns folhetos de cordel, aquele sujeito que não corresponde ao ideário de masculinidade preconizado por ela é falido do ponto de vista moral e merece toda sorte de desventuras que consigo possa acontecer. Em outras palavras, não se trata da lésbica, do gay, do(a) trans ou da travesti, mas daquele sujeito *a priori* macho que se envolve com um destes. Nestas obras, entende-se que performatizar uma identidade de gênero paralela à heterossexual necessariamente não é uma condição consciente ou “escolhida”, os autores em vários momentos apontam para fatores biológicos, sociais e culturais para tal. Entretanto, para o sujeito que com el@s se envolve isso é imperdoável. Nas obras para esta seção verificamos algo bastante semelhante, pois Machado (1979) em *A sorte de seo Cornélio ou o corno convencido*; Lima (s/d) em *Corno o comentário é inevitável*; Guaipuan (s/d) em *Declaração de um corno apaixonado*; Batista (2009) em *O corno combinado*; Campos Filho (s/d) em *O corno da bananeira*; Sérgio (s/d) em *O corno que virou santo*, Leite (2010) em *Queixa de um corno ao delegado* carregam suas personagens masculinas com toda sorte de desvio de caracteres, fazendo com que o corno seja o único culpado pela sua própria desgraça.

Ele até é conselheiro
E faz recomendação:
- Prefiro que você traga
Pra casa o seu pão
Do que ficar na rua
Em perigo e aflição. (MACHADO, s/d, p.4)

E o homem também tem,
Um pedaço que não presta.
É infiel, bate nela,
Enfeita sua testa,
Ela também lhe chifra,
É tudo que lhe resta. (LIMA, s/d, p.4)

Chegô o meu velho pai
E disse: “filho querido

Desta muié conhece
Mas sua mãe a Quequê
Fez igualzinho a sua
Se juntou com o véio Lua
Mas depois teve você” (GUAIPUAN, s/d , p.8)

Com pouco tempo, o homem
Manchou aquela união
Frequentando cabarés
E os locais de perdição
Resultado: ficou doente
Sem nenhuma apelação (BATISTA, s/d , p.3.)

Buega descobriu tudo
E fez aquela zoadá
Mas depois deixou pra lá
Ficou com a testa enfeitada
O chifre nasceu e ficou
O pobre se acostumou
Não ligava mais pra nada. (CAMPOS FILHO s/d, p. 2)

Generosa lhe dizia:
- Oxente, que cabra mole!
Eu tô com fogo na “xana”
O sujeito nem se bole,
Oh casório sem futuro
Eu doravante procuro
Um cabra que me console. (SERGIO, s/d, p.5)

Agora não tem mais hora
O homem está mais exibido
Com a vizinhança acordada
Cedo da noite o maluvido
Pula a minha janela
Pro mode ficar com ela
O cabra tá todo atrevido (LEITE, 2010, p.7)

Nestas estrofes todos os cornos são em sua essência permissivos, aceitas a traição das suas parceiras e, em certos casos, ainda fazem questão de saber. Desprendidos de ciúmes ou apego possessivo às suas cônjuges, os cornos protagonizam cenas risíveis, contudo, os poetas evidenciam a decadência moral de cada um. De certa forma, as posições assumidas pelas personagens poderiam/podem ser encaradas como um avanço no pensamento daqueles que produzem literatura popular no Nordeste, mas isso só seria possível se também o leitor se desprendesse do poder que a estereotipação social tem. Sobre essa “modernidade” Nolasco (1993) nos mostra:

[...] no Brasil, nos últimos cinco anos, a mídia tem sido responsável por levantar questões sobre o comportamento dos homens, veiculando desde trabalhos terapêuticos, *workshops* e seminários até reportagens que apresentam homens trocando fraldas, levando filhos à escola e indo ao salão cuidar da pele e dos cabelos. (NOLASCO, 1993, p.17)

Neste trecho, Nolasco (1993) coloca o importante papel da mídia nas reformulações sofridas pelo sujeito masculino no final do último século. O que talvez não tenha sido dito pelo autor em *O mito da masculinidade* (1993) é que os “avanços” nas práticas sociais e no cuidado de si da masculinidade diferentemente das conquistas das minorias não foram feitas por meio da luta e sim orientadas, arquitetadas e executadas pelo mercado. Vale salientar que o mercado instituiu – por meio da propaganda – o homem do século XXI, que também é aceito pelos poetas: homens que dividem as tarefas domésticas, que se preocupam com a aparência e que estão mais “abertos” ao lado sentimental da vida, desde que não deixem de, por meio de suas práticas sexuais e de relações de poder, continuarem reproduzindo os ideais heteronormativos e patriarcais.

Nestas obras, os cornos falham fisicamente, pois não têm “fogo” para assegurar o prazer às suas parceiras e moralmente, pois preferem ser traídos a largarem suas parceiras. Novamente, às mulheres é dada a voz do dominador, aquela que pisa na autoestima do seu parceiro e impõe seu modo de vida. Neste aspecto, curiosamente, os cordelistas parecem ter uma visão bem mais libertária, ou libertina da figura feminina – pelo menos neste momento – já que até pouco tempo atrás, nas décadas de 1960 e 1970, em plena ebulição da revolução sexual, no Brasil era publicada uma estranha obra do médico Alemão Fritz Khan intitulada *Amor e felicidade no casamento*. Nela o ginecologista aconselhava jovens que procuravam o matrimônio, dentre os conselhos:

A mulher pseudo-erótica, narcisista [...] Tal como a serpente inofensiva, que se disfarça com as cores da cobra venenosa, ela ostenta as mais pomposas e sedutoras côres, fazendo crer que é altamente erótica. Por dentro, todavia, a caixa de bombons colorida está vazia. [...] Esse tipo de mulher não presta para o matrimônio nem será uma boa mãe. Ela dá mais valor à própria imagem no espelho do que ao rebento no berço. „Vizinha pode deixar a porta aberta para que a senhora ouça o menino. Mas pode deixa-lo gritar à vontade, assim ele se vai acostumando à ordem. Crianças se educam quando são pequenas. [...] A mulher de cultura muito superior à do homem. O mudo não se deve casar com uma jovem que o supere de muito em cultura. O mundo espera que no matrimônio a chefia caiba ao homem, e este faz má figura se em sociedade a mulher conduz a conversação e ele fica de lado, mudo. (KHAN, 1960, p. 75-76)

Dessa maneira percebe-se o caráter inovador dessas obras quando destronam a figura masculina de seu pedestal de onipotência e arrasa aqueles “cornudos” ao degredo da chacota e do riso. Todavia, também reconhecemos que ao fazer isto o cordelista está visando também o mercado, posto que um boa história risível renderia bem mais. a mulher, ao contrário do homem, congrega com o que afirma Sohiet (2003)

Apesar da dominação masculina, a atuação feminina não deixa de se fazer sentir, através de complexos contra poderes: poder maternal, poder social, poder sobre as outras mulheres e “compensações” no jogo da sedução e do reinado feminino. (SOHIET, 2003, p.10)

As personagens femininas utilizam as “armas” que tem, em sua grande patê o corpo e a sedução.

Algumas considerações

Neste breve artigo apontamos para uma possibilidade de rever o cordel como mantenedor de uma cultura secular atribuída à região Nordeste em relação às representações do modelo do “cabra macho”. Verificamos que, ao contrário de nossa expectativa primeira, o corno não é tratado como vítima, mas sim como o único “culpado” pelos “chifres” que carrega e pela humilhação pública de ser traído. Também nos surpreendeu que a figura da mulher tenha sido colocada em grande parte emancipada dos grilhões matrimoniais. As análises impressões seguiu a lógica defendida por Pensavento (2007):

As sensibilidades são uma forma de apreensão de conhecimento do mundo para além do conhecimento científico, que não brota do racional ou das construções mentais mais elaboradas. Na verdade, poderia-se dizer que a esfera das sensibilidades se situa em um espaço anterior à reflexão, na animalidade da experiência humana, brota do corpo, como uma resposta ou uma reação em face da realidade. (PENSAVENTO, 2007, p.9)

Por meio de uma análise personalista e da percepção das sensibilidades tanto impressas na obra quanto despertadas na leitura, levantamos questões a serem analisadas com mais ênfase pela crítica, como lugar da literatura de cordel longe da cristalização da tradição e da desconstrução da figura do macho em suas obras.

REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE JR., D. M. **Nordestuno: invenção do “falo”**. Uma história do gênero masculino (1920 – 1940). São Paulo: Intermeios, 2013.

DEL PRIORI, M. **História das mulheres no Brasil**. (Org.). Carla Bassanezi. 8^a ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Lisboa: Relógio d'Água, 2000.

KHAN, F. **Amor e felicidade no casamento:** a vida sexual. Tradução de Guttorm Hanssen. São Paulo: Boa Leitura Editora, 1960.

LUCIANO, A. **Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro.** São Paulo: Luzeiro, 2012

McCLINTOCK, A. **Couro Imperial:** raça gênero e sexualidade no embate colonial. Tradução de Plínio Dentzien. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

PENSAVENTO, S., J. ; LANGUE, F. (Orgs.) **Sensibilidades na História:** memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007

SOIHET, R. **História das Mulheres e relações de Gênero:** debatendo algumas questões. UFF, 2010.

Cordéis:

BATISTA, A. **O corno combinado.** s/d

BORGES, J. **As desventuras de um corno ganancioso.** s/d.

CAMPOS FILHO, V. **O corno da bananeira.** s/d

GOMES, P., T., B., **O professor dos cornos.** s/d

GUAIPUAN. **Declaração de um corno apaixonado.** s/d

LIMA, E. **Corno o comentário é inevitável.** s/d

MACHADO, F. **A sorte de seo Cornélio ou o corno convencido.** 1979

PONTUAL, J., P., **As aventuras de um corno convencido,** s/d

SERGIO, D. **O corno que virou santo.** s/d